

EDITORIAL: REVISTA FRONTEIRAS EM PSICOLOGIA, PRIMEIRO NÚMERO

José Menna Oliveira e Daison Nelson Ferreira Dias

Em coerência com o entendimento editorial de que o universo clínico é prioritário, e que o conhecimento psicológico terá se originado sempre da clínica e à clínica se destinará — o primeiro número de *Fronteiras em Psicologia* tem início com o trabalho de Port (pp. 7-20), em que se apresentam recortes da construção de um caso clínico de uma criança em estruturação psicótica. Ali, psicanalista e educadores trabalham de forma transdisciplinar nos processos de subjetivação e de educação do paciente/educando.

A seguir, Cargnin *et al.* (pp. 21-29), em um texto enriquecido por citações literárias, descrevem a experiência de observação de um grupo de convivência: o grupo ELLOS, que confecciona roupas de tricô ou crochê, customiza uniformes e produz cobertas com retalhos para pessoas em situação de pobreza e vulnerabilidade. As autoras desenvolvem o aspecto de saúde possível em tais espaços originado da convivência entre os membros, e sinaliza para a importância de preservação de atividades manuais na memória social coletiva.

Lima e Silva (p. 30-37) aborda o tema da depressão pós-parto conforme compreendido por profissionais de saúde: a partir de entrevistas com 5 técnicas de enfermagem do setor público realiza uma descrição de vivências possíveis relacionadas à maternagem, em que fica evidente a coexistência de sentimentos contraditórios. A autora articula este material a uma revisão bibliográfica sobre o tema, enfatizando a necessidade de apoio familiar e social para o transcurso saudável do puerpério.

Experimentando-se na privilegiada perspectiva da intersecção entre os universos da psicologia e do serviço social, Facalde e Ratto (pp. 38-60) constroem um ensaio sobre maternidade juvenil, vulnerabilidade e violação de direitos. Os autores utilizam em sua elaboração a vivência prática de trabalho com famílias vítimas de extrema violência na gerência distrital Glória/Cruzeiro/Cristal do município de Porto Alegre.

A descrição de ações objetivando a organização de uma equipe multiprofissional de atenção à saúde do trabalhador é o tema de Noguez *et al.* (pp. 61-72). Em paralelo a dados estatísticos relacionados à saúde do servidor público universitário, as autoras descrevem o processo de estruturação de um serviço multidisciplinar em saúde, com ênfase no cuidado com que foi feita a apropriação, por cada membro da equipe, das especificidades dos diferentes campos de atuação profissional envolvidos.

Lemos a seguir um ensaio em psicologia-política construído por Luz e Ratto (pp. 73-98), em que se analisam modos de subjetivação associados à história cultural do Brasil. Aqui, os autores desenvolvem uma reflexão psicanalítica sobre as estruturas familiares patriarcal e fratriarcal.

Utilizando-se do método antropológico, Reis (pp. 99-109) realiza um ensaio etnográfico sobre o tema tabu da morte, a partir da visitação a quatro velórios realizados na cidade de Novo Hamburgo.

A seguir, a sessão especial Crônicas Psicológicas (pp. 110-119) traz uma série de pequenos textos escritos por alunos de psicologia da Instituição Evangélica Novo Hamburgo, tratando de temas contemporâneos como a dependência às tecnologias de mídia móveis e a medicalização da vida cotidiana.

Este número finaliza com a sessão Arte e Psicologia (pp. 120-126), em que Dias e Machado apresentam um relato ficcional inspirado no episódio conhecido como A Revolta dos Mucker.

Com esses textos, o volume busca criar um espaço de transcendência às diversas áreas do conhecimento humano capazes de contribuir para aliviar o sofrimento e/ou para melhorar a compreensão sobre a condição humana. Há várias formas de organização da vida em sociedade e há um número maior ainda de formas de constituição e de reconhecimento da própria subjetividade. Sob a égide da dignidade da pessoa humana, a comunidade internacional se organiza a favor do respeito das diferenças e da construção do conhecimento em vias que se desenvolvem garantindo o respeito e à comunicação com o outro. Há muito o que fazer para que as áreas de saberes específicos construam a comunicação comum para que os benefícios que elas possam trazer à pessoa humana possam ser assimilados, não como olhares estranhos uns aos outros, mas como a riqueza da iluminação que se projeta das diversas direções que compõem o caleidoscópio do conhecimento. Desejamos que essa semente germine e nos traga como frutos os autores que se sintam estimulados à comunicação interdisciplinar e leitores que se dediquem ao exercício do reconhecimento da grandeza da dimensão do humano. Boa leitura!